

Banqueiros lembram as alternativas

SÃO PAULO — Em determinado momento de sua história, os Estados Unidos esgotaram sua capacidade de gerar poupança interna para continuarem crescendo. Como solução, optou-se por criar um grande e forte mercado acionário que pudesse atrair o capital necessário para prover a continuidade do processo de desenvolvimento americano. Essa é uma demonstração de que mecanismos e instrumentos existentes no mercado podem tornar a possibilidade de captação de recursos para financiar o crescimento muito mais abrangente que uma simples operação de empréstimo bancário.

"Os Estados Unidos optaram por esse caminho e deu certo", afirma o diretor da Corretora Invista, Henry Singer Gonzalez. "De concreto, no Brasil, existe o fato de não haver mais condições de o país continuar investindo com capital tradicional. Não se trata de ideologia, mas de pragmatismo. As bolsas podem ser grandes alternativas nesse sentido." No caso dos sistemas que estão sendo montados no mundo, há exemplos concretos de como se pode encontrar meios de bancar captação de recursos externos sem seguir o caminho dos empréstimos. O México, por exemplo, organizou operações de troca de produtos por dólares. Petróleo, ouro e prata do México foram trocados por recursos dos bancos. Dinheiro esse não utilizado para financiar sua balança de pagamentos, mas para reforçar a poupança do país.

O vice-presidente do Nederlands-

che MiddenstandsBank (NMB Bank), Jordi Wiegerinck, um dos maiores especialistas em montar operações financeiras sofisticadas no país, lembra que há fórmulas para se conseguir dinheiro novo dos credores que não seja para financiar a balança de pagamentos. São operação de venda futura de petróleo, por exemplo, a um consumidor de outro país. O banco assume o papel de intermediador financeiro, garantindo os recursos necessários. "É uma exportação a futuro. O Brasil é um grande país exportador e poderia antecipar contratos desse tipo para antecipar recursos", afirma Wiegerinck.

Outra variante desse modelo é a mesma exportação a futuro com o dinheiro sendo desembolsado a cada entrega do produto. Segundo o vice-presidente da Stotler, terceira maior corretora americana, Vicent Ciaglia, "O modelo segue a mesma linha dos mercados futuros de commodities", afirma ele. "Se o preço cai ou sobe, haverá sempre uma proteção que garantirá um valor constante para o produto". Há também muitas formas de garantir que o país deixe de sofrer tanto com a flutuação dos juros internacionais para honrar seus compromissos.

O Banco Central, por exemplo, já está atuando nas bolsas de futuros americanas como forma de se proteger contra elevações súbitas dos juros internacionais. Apesar das críticas e posições duras dos credores, o Brasil ainda reserva grande parte das esperanças dos investidores internacionais. Vicent Ciaglia, um italo-americano que incorpora o perfil do investidor global (ele cuida da mesa do Stotler que analisa as oportunidades de investimentos em todo o mundo), afirma que o Brasil é o país do mundo que conta com dois fatores essenciais: mão-de-obra e recursos naturais. (N.H.)